

Brasil usa tática do Clube de Paris

terça-feira, 23/12/86 □ 1º caderno □ 17

Dívida Externa

com banco credor

Brasília — O Brasil adotará com os bancos privados estrangeiros a mesma estratégia de renegociação da dívida utilizada com êxito com os governos credores, membros do Clube de Paris: primeiro proporá um acordo e, se as conversas não forem longe, negociará os pagamentos nos seus próprios termos.

As negociações com os bancos privados começam no próximo mês, porque em março acaba o acordo que o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, fechou em junho passado. Esse acordo permitiu ao Brasil deixar de pagar US\$ 31 bilhões, de principal, que devia em 1985 e 1986. E o spread — a taxa de risco cobrada por empréstimo — foi reduzido de 2,5% a 1,25%. Expirado o acordo, começaram as cobranças.

Para as negociações, o governo brasileiro levará o aval concedido na semana passada pelo Clube de Paris, que, depois de dois anos sem querer conversar sobre dívida com o país que não se submetia ao Fundo Monetário Internacional (FMI), voltou atrás. Hoje, o Clube de Paris já aceita renegociar, até porque sofreu pressões de industriais, que não exportavam para o Brasil porque não conseguiam financiamento para as vendas de seus governos.

Estratégia

A estratégia adotada com o Clube de Paris demorou dois anos para dar frutos. Em janeiro de 1985, quando o presidente da República era ainda João Figueiredo, o governo brasileiro suspendeu unilateralmente o pagamento do principal e dos juros da dívida com o Clube de Paris. Na época, os ministros da área econômica esperavam conseguir dinheiro junto aos banqueiros privados, através da assinatura de uma nova carta de intenções para o Fundo Monetário Internacional.

A carta não foi negociada e o novo governo deixou de se submeter ao FMI, mas tentou renegociar a dívida com o Clube de Paris. Em vão. Os governos credores suspendiam os créditos comerciais e disseram que só voltariam a conversar sobre esse assunto quando o Brasil apresentasse um documento do FMI, afirmando que a sua economia estava indo bem. Em junho de 1986, o Brasil voltou ao Clube para dizer que renegociaria unilateralmente. Ou seja: pagaria o que podia dos atrasados.

Nos termos negociados pelo Brasil, só seriam pagos 75% dos atrasados, o que equivale a aproximadamente US\$ 1,6 bilhão. Cada um dos governos credores reclamou, mas já vinham sofrendo pressões dos industriais e resolvem que, entre encostar o Brasil na parede e tentar um acordo melhor, seria preferível negociar. É o que está acontecendo agora.

No dia 19 de janeiro, o Brasil negociará com os credores do Clube de Paris e começará as conversas mais difíceis com os banqueiros privados. Segundo uma fonte do Ministério da Fazenda, a estratégia não será de atacar, ameaçando declarar moratória, mas se deixar encostar na parede, se as negociações não derem certo, para depois fazer um acordo unilateral.